

A importância do Enem

ESTADO DE SÃO PAULO

11 MAI 1998

O Exame Nacional de Ensino Médio (Enem), que o Ministério da Educação (MEC) está introduzindo a partir deste ano, se presta à produção de mais resultados que seus congêneres no exterior – por exemplo, o baccalauréat, na França, o maturità, na Itália, e o Abitur na Alemanha. Nestes, com efeito, a avaliação de toda a escolaridade anterior tem por finalidade abrir aos aprovados o acesso à universidade pública. No Enem, a utilização do exame como critério de qualificação para o nível superior de ensino, substituindo em todo ou em parte o concurso vestibular, está condicionada à negociação, dada a autonomia de que goza a universidade, estendendo-se às condições de ingresso.

Não fora mais do que essa sua finalidade, o Enem já teria mérito apreciável. Todos os que lidam com educação no Brasil sabem que o atual sistema de ingresso à universidade por meio de concurso vestibular deixa muito a desejar, do ponto de vista de ambos, do candidato e da instituição superior. O vestibular testa um momento na vida escolar do candidato, não a progressão de seu desempenho. E as circunstâncias com que foi estruturado –

como panacéia para o desajuste crônico entre o número dos que concluem o ensino médio (antigo segundo grau) e o das vagas oferecidas no ensino superior –, bem como as que passaram a cercá-lo, depois – competição acirrada, atuação dos “cursinhos” e tensão nas famílias –, comprometeram a avaliação do vestibular com várias interferências alheias ao conhecimento acumulado e ao amadurecimento intelectual.

Mas no Brasil a necessidade do Enem se justifica por outras razões. Entre essas se destaca o crescimento acelerado das matrículas no ensino médio, nos últimos anos. Só no ano passado vieram somar-se 665 mil novas matrículas às existentes em 1996: os 5,739 milhões de alunos matriculados em 1996 passaram para 6,405 milhões. Esse aumento se deu em todas as regiões do País e nas duas redes de ensino, a pública e a particular. Parte desse crescimento se deve à multiplicação de supletivos e de cursos noturnos. Ora, como sempre acontece em expansões quantitativas significativas e rápidas, a qualidade do ensino sofre com o aumento. E então se tornou imprescindível a criação de um sistema de avaliação, à semelhança

do já aplicado, no atual governo, ao ensino fundamental.

Políticas públicas consistentes dependem sempre do aperfeiçoamento e aprimoramento de um sistema de informações e estatísticas. Ainda mais em matéria de educação no Brasil, dando o seu caráter estratégico para o processo de desenvolvimento. Como que espontaneamente, a população brasileira vem-se dando conta desse conexão entre educação, desenvolvimento e promoção social: de 1990 a 1995, a média de anos de estudos do brasileiro passou de 5,1 a 5,4, para os homens, e de 4,9 para 5,7 entre as mulheres. Só essa evolução já exigiria um controle de qualidade. E aí está mais um objetivo para o Enem.

É inerente a esse controle da qualidade averiguar quanto e como a educação formal entra nos projetos de vida do brasileiro. Se este percebe, ou não, a pertinência do que aprende na escola quanto ao que julga indispensável à vida. À falta do estabelecimento constante dessa conexão, teremos sempre a evasão escolar, em todos os níveis e não apenas no mais ex-

posto, o nível do ensino fundamental. Ora, quer nos voltemos para os métodos pedagógicos em uso, quer examinemos um instrumento fundamental no processo de aprendizagem, o livro didático, se perceberá que o estudante é obrigado a viver, muitas vezes, entre dois mundos quase desparados, o da escola e o da vida, no resto de seu cotidiano.

O aumento de matrículas no ensino médio exige um sistema que controle sua qualidade

Pelo que se anunciou, a organização do Enem se preocupa com esse risco constante, que faz dispersar-se políticas e mais políticas educacionais.

Sua coordenadora, Maria Inês Fini, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, diz que “o que se pretende é saber se o aluno consegue usar o que aprendeu para solucionar problemas e continuar evoluindo, seja no mercado de trabalho ou no banco de uma universidade”. Não está aí, em esboço, a sempre procurada e jamais encontrada pedagogia específica do ensino médio, reduzida, há muitos anos, a mera e frustrante pedagogia de transição para a universidade?